

## **21 ANOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA FEF- UFG: de onde veio e para onde vai tal emancipação?**

Lenir Miguel de Lima<sup>1</sup>

A década de 80 para mim começa em 1971, quando fui a UFRJ especializar-me em Dança. Lá vislumbrei novos passos e caminhos para minha vida, com a Dança Univérsica e com os primeiros conhecimentos sobre “esquerda-direita” – não na Ordem Unida da EF, mas, na visão marxista, que para mim, ainda era meio conturbada, uma vez que a Dança Univérsica, tinha uma visão elitista, tecnicista, conservadora, embora, a idealizadora deste método desejasse quebrar os paradigmas do Ballet Clássico. O quadro de professoras (FEFD/UFRJ) respirava à direita, junto à conjuntura política daquele momento... (p.exemplo: na inauguração da Sala de Dança no Fundão, dançamos uma coreografia feita em homenagem e na presença do Presidente Médici).

Em contrapartida, como eu convivía com um grupo de pessoas que contestava tudo isto, e me apontava novos rumos e uma visão de mundo que eu desconhecia, passei a questionar a realidade brasileira, o golpe de Estado, as agressões e a violência contra os cidadãos, aos artistas, os músicos, e a própria educação física quanto aos meios utilizados para disciplinar, controlar e regular o comportamento dos nossos alunos da escola até o ensino superior.

Voltando à Goiânia, na ESEFEGO, começamos um grupo de Dança por incentivo da diretoria da ESEFEGO. No entanto, minha postura como professora e cidadã se modificaram e então, me aproximei dos grupos teatrais daquela época, que encenavam (dentro do possível) peças criticando a ditadura (Grupos Exercício/ Laboratório), os movimentos ligados ao cinema de arte contemporânea ( Cine Rio) e aqueles ligados à sociedade que lutavam pela abertura política e democrática do País.

---

<sup>1</sup> Professora de Dança - Aposentada na FEF-UFG

A reação da direção da ESEFEGO foi óbvia e previsível, com ameaças, intervenções e críticas camufladas acerca do nosso trabalho e de nossa forma de agir nos demais espaços culturais. Ao mesmo tempo abriram-se as portas da UFG, via Pro-ex, para abrigar o Grupo de Dança por mim dirigido, agora oferecendo-me novas oportunidades de trabalho, inclusive em trabalhos ligados a projeto populares.

Ainda na década de 70 ( 1973/76) participamos da organização/coordenação e realização dos FEGD que movimentaram os colégios de Goiânia , Anápolis, Trindade, Rio Verde, incentivando os jovens a se expressarem através da Dança . Estes Festivais nasceram da necessidade de professoras/professores dos Colégios, Academias e Escolas Especiais que, motivados pela novidade da Dança nas aulas de Educação Física, queriam mostrar seus trabalhos publicamente , e trocar experiências com outros educadores/educadoras. Com bastante antecipação eram organizadas oficinas e palestras sobre teatro, dança, historia da arte e da dança, para os dirigentes/professores/professoras dos grupos participantes. O objetivo principal dos Festivais era trazer aos estudantes a oportunidade de dançar e abrir-lhes novos horizontes nesta arte de expressão corporal. Como não havia concurso entre os grupos “melhores”, todos participantes recebiam uma premiação, isto é, um certificado de participação. Não havia, também, discriminação entre os grupos participantes, uma vez que escolas e colégios públicos e privados, escolas especiais de surdos mudos, de cegos e Síndrome de Down tinham seus espaços garantidos igualmente.

Em 80, o Grupo de Dança vinculado à PROEC/CEFD/UFG, participou de espetáculos no Teatro Goiânia, no Teatro Inacabado Goiânia, na Oficina Internacional de Dança em Salvador/Ba, na cidade de Rio Verde/Go, em Anápolis/Go e ,em colégios da capital e interior. Ao mesmo tempo em que realizávamos o curso de Especialização em Ciências do Esporte/ ESEFEGO, participávamos de diversas discussões políticas sobre a conjuntura do País e sobre a Educação Física. Nas discussões que rolavam naqueles anos iniciais estavam presentes, também, a necessidade de criar os partidos de esquerda, organizar os trabalhadores por meio dos sindicatos e centrais de trabalhadores e de fortalecer urgentemente as diferentes organizações da sociedade civil.

Nascia então o PT, ao qual estávamos ligados através da coordenação municipal responsável pela organização do partido em Goiânia e no Estado de Goiás.

No conjunto das lutas que participamos, resolvemos reativar a AGOPEF<sup>2</sup> que posteriormente passou a se chamar APEF-GO, cuja sede construída na área da ESEFEGO fora destruída pela Diretora da época. Com ajuda do Vereador Sebastião Melo e da Professora Perpétua Nunes conseguimos, ainda sob a minha presidência na Associação, garantir um espaço na parte inferior da arquibancada do Estádio Pedro Ludovico, onde funcionavam outras Associações, para construir uma nova sede da APEF. Depois de pressões e negociações para que a APEF fosse ressarcida de seu patrimônio, muitas conversas com a diretoria da ESEFEGO e com o prefeito de Goiânia, conseguimos um lote em “Comodato” para reconstruir a APEF (numa área próxima ao Flamboyant, na Avenida Jamel Cecílio, hoje um dos lugares mais nobres da cidade). Na gestão do prof. Nivaldo David (meu sucessor) o terreno foi todo topografado, recebeu autorização para que os engenheiros da Fundação Estadual de Esporte auxiliassem no planejamento e na construção da sede e deixou certa quantia em dinheiro (depois de uma vaquinha e doações diversas dos associados) em caixa para comprar o alambrado e cercar o terreno de mais de 6 mil metros quadrados. Com o afastamento do Prof Nivaldo para mestrado, os demais presidentes que nos sucederam perderam esta oportunidade e sequer fizeram qualquer ação pela APEF e para a sua continuidade.

Sob a minha gestão e a do Prof. Nivaldo A. N. David, na APEF, participamos em vários encontros nacionais, regionais e municipais realizados por entidades da educação e por profissionais da Educação e Educação Física. Em Goiânia, realizamos vários encontros, seminários e cursos com grande repercussão em nosso Estado, dentre eles: o curso de Especialização em Educação Infantil em parceria com a ESEFEGO, O Encontro Goiano de Educação Física Escolar (1985) com a presença de Carlos Brandão, Niso Prego, Faria Jr, Negrini, Inezil Penna Marinho, e outros. Ministramos várias

---

2 Na época, presidida por Walter Nilton Celestino da Silva.

palestras e atuamos articuladamente com outras entidades da educação como, Centro Professores de Goiás(CPG), Associação Medica de Goiás (AMG), sindicatos classistas e nas lutas políticas para definir diretrizes para o ensino da educação física na rede estadual e municipal de educação, especialmente quanto aos conteúdos, uso de metodologias mais adequadas à formação humanista, em oposição ao modelo de ensino tecnicista e defendendo a obrigatoriedade da educação física nos ensinos fundamental e médio, inclusive para os ciclos iniciais do 1º Grau e a pré-escola.

Temos clareza de que a nossa participação nos movimentos políticos e sociais e aprendizagens decorrentes dos Encontros da Educação Física abriram novos horizontes para nós e para projetos inovadores na Educação física em Goiás. A nossa prioridade na APEF era de melhorar a qualidade da formação de professores e assegurar a obrigatoriedade da educação física na escola. Quanto a formação de professores atuamos ativamente por criarmos um curso com outro perfil profissional e por novos conhecimentos no currículo buscando, com isto, introduzir novos rumos e outras características de formação mais humanizada e crítica daqueles currículos conservadores que criticávamos. Na época defendíamos a necessidade de criar cursos mais avançados, mais compromissados com a sociedade (os excluídos) e mais abertos as questões contemporâneas.

O nosso trabalho docente dentro da Coordenação de Educação Física (CEFD), estava mais diretamente vinculado ao ensino da Dança, embora participássemos de diferentes atividades ali desenvolvidas relacionadas à prática esportiva. Depois de avaliarmos as demandas da formação e as pressões existentes por companheiros do movimento social classistas resolvemos dar inicio às conversas sobre a criação do curso na UFG, inclusive já sabendo da existência de um projeto incipiente com vínculos ao ICB.

Foi composta uma comissão, pela Pró-Reitoria de Graduação, para estudar as possibilidades de se criar o curso EF/ UFG. E, a partir daí, formalmente passamos a realizar encontros e reuniões internas, no Colégio de Aplicação/UFG , com professores das redes estaduais e municipais de ensino, Fac. de Educação, e a própria ESEFEGO para avaliarmos a intenção e

oportunidade de criar o curso, das suas possibilidades reais, de incorporar as denúncias sobre a realidade da formação na região centro-oeste, e de levantar os dados necessários que justificassem a demanda por mais um curso na capital.

Este processo de criação de curso foi muito difícil, complicado e de grandes conflitos, tanto no ponto de vista prático como conceitual. Isto sem falarmos dos aspectos políticos e ideológicos, pois embora todos fossem favoráveis à criação do curso, os interesses se dividiam entre aqueles que viam na ESEFEGO o modelo ideal e aqueles que entendiam que poderíamos construir outra proposta mais avançada, moderna, atualizada com as reflexões e críticas e que fosse amparada por novos conteúdos ligados à cultura, antropologia, sociologia, portanto, fundamentado por posições de vanguarda no cenário da educação brasileira. Se por um lado, o grupo de professores mais progressistas defendia que o curso EF devesse ser vinculado à FE/ UFG e às ciências humanas e educacionais, por outro, os mais conservadores defendiam um projeto ligado às práticas desportivas. Todas as argumentações que defendíamos se baseavam em fatos reais: 1) os professores das redes de ensino afirmavam que a formação era caótica e muito pobre em conteúdos educacionais; 2) os debates nacionais pediam a revogação da legislação que definia currículo mínimo nacional e apontava para currículos mais flexíveis (Carta de Belo Horizonte); 3) na educação havia uma crítica ao tecnicismo e ao autoritarismo pedagógico; entre tantos outros. Já os demais, mantinham a resistência de se construir uma proposta vinculada à saúde e ao esporte e mantinham a convicção de que a ESEFEGO era uma Escola de referência nacional e, assim, queriam manter esta base curricular. Cabe aqui destacar que embora na UFG fervilhassem os debates sobre as reformas curriculares, grande parte dos professores do CEFD estava distante deste movimento e as razões disto podem ser que na época a Coordenação era apenas responsável pela prática esportiva obrigatória, e, grande parte dos professores ali lotados, tinha relações muito próximas com o esporte profissional, entre outras questões que não discutiremos aqui.

A Comissão trabalhou na elaboração de uma proposta com participação coletiva de professores e com a colaboração de convidados: como

o professor Aladi José de Lima (ESEFEGO) e do professor Nivaldo A. David (CEFD) que, na época, se afastara para Mestrado em Educação. Depois de várias e longas reuniões chegou-se a um consenso democrático culminando com a concretização de nossa primeira proposta de curso com uma perspectiva avançada e inédita no Brasil. Para surpresa nossa e de muitos que participaram das discussões, fomos para a reunião na Câmara de Graduação para debatê-la junto aos Conselheiros, mas, fomos pegos de surpresa e ficamos bastante indignados, porque, naquele ato, fomos informados de uma “outra” proposta ali apresentada, pela então direção do CEFD e não aquela aprovada numa importante discussão realizada na ESEFEGO. É bom lembrar que tal proposta foi recusada pela Câmara de Graduação. Indignados, também não concordamos com aquela proposta e imediatamente a substituímos por aquela que fora legitimamente discutida e aprovada, anteriormente, pelo coletivo. Protocolada junto à Câmara de Graduação a nova proposta curricular foi aprovada pela Câmara e CCEP, inclusive vinculando o nosso curso à Faculdade Educação/UFG, provisoriamente, por que na época ainda não existia a FEF como uma Unidade Acadêmica, o que ocorreu somente em novembro de 1996.

A implantação do curso se deu com muitas dificuldades, principalmente, aquelas relacionadas às concepções teóricas e à ideologia conservadora e depois vieram as instalações inadequadas para algumas práticas, inclusive o Atletismo que era realizado na Praça Universitária – no Quartel da Polícia Militar. As salas de aulas eram improvisadas e, na medida em que avançávamos em cada ano, tínhamos que adaptar os espaços e os equipamentos que adquiríamos junto à UFG.

No que tange aos aspectos teóricos e metodológicos tivemos o apoio de grandes e importantes professores da UFG de distintas áreas do conhecimento, dos quais destacamos alguns: Joel Ulhoa, Ildeu Moreira, Maria Hermínia e Carlos Libâneo (FE); Onerzam Abreu e Humberto Ferreira (ICB), Mauricio (IF), Ney Clara (Antropologia) entre outros, com um perfil progressista de educação. As mudanças no currículo começavam pela não existência de uniformes, pela organização de turmas mistas, pela discussão coletiva e pela formação de um colegiado pleno de cursos, pela opção em formar bons

professores para a escola pública, sem se esquecer da formação ampliada para atuar em diferentes lugares da sociedade. Defendíamos um enfoque mais filosófico ligado às áreas de ciências humanas e sociais e a constituição de um currículo que colocasse a pesquisa e a intervenção de forma articulada na prática pedagógica das disciplinas.

No segundo ano de curso criamos a Jornada Científica para dar seqüência e oportunidade para tratarmos dos assuntos novos e para refletirmos sobre o currículo e sua execução dentro do projeto de formação da FEF/UFG. Em seguida, por pressões internas e externas implantamos o curso de Catalão e, posteriormente, o de Jataí mantendo a mesma base curricular, os mesmos pressupostos metodológicos e a mesma concepção de formação. Depois da criação dos cursos no interior passamos a realizar a Jornada Científica de forma itinerante, cada ano em uma cidade, até que as relações entre os Campi e UFG/FEF se tornaram insustentáveis e inadequadas estruturalmente.

Como uma, entre as diversas ações que participamos na UFG, destacamos a nossa atividade político-acadêmica na UFG quando participamos ativamente do Fórum de Licenciatura da UFG, divulgando o nosso projeto e participando ativamente nas discussões sobre a formação de professores.

Hoje, aquela criança bem batizada, bem alimentada e sofrida pelos percalços da adolescência adquire seus 21 anos, só espero que em sua maior idade este jovem curso possa avançar mais na direção de uma formação mais humanizada, comprometida e justa com a vida das pessoas e que, no caminho a ser construído, tenha menos pedras e espinhos e mais flores e frutos saudáveis para todos...

Encerro com as palavras de Cora Coralina: *“É preciso rever, escrever, assinar os autos do passado, antes que o tempo passe tudo a rasgo”*

Muito obrigada.